

MARIO GIAMBIAGI (1928-2002)



Mario Giambiagi, pesquisador titular no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, faleceu subitamente, no Rio de Janeiro, no dia 8 de março último. Mario foi um dos pioneiros da Química Quântica na América Latina. Foi também um dos que assinaram a Ata de Fundação da Sociedade Brasileira de Química, em São

Paulo, no dia 8 de julho de 1977. Mario era nosso Sócio Efetivo 45.

Uma dificuldade que se apresenta para qualquer pessoa que se proponha a escrever sobre Mario, é ser virtualmente impossível comentar seus trabalhos científicos, sua visão do mundo, ou seu feitiço pelo Rio de Janeiro, sem invocar igualmente sua esposa por mais de 40 anos, Myriam Segre de Giambiagi.

Diga-se, para se começar, que Mario nunca aceitou a globalização neo-liberal dos últimos anos, tanto nos aspectos políticos como, em particular, no modelo que se foi impondo para a educação e a pesquisa científica. Mas, ao contrário de opositores do sistema de ânimo mais fraco, Mario batalhou sempre contra esse estado de coisas, explicita e calorosamente. E sempre contando com o apoio integral de Myriam.

Mario não achava, por exemplo, que os cursos avançados, os de pós-graduação, precisassem ter sequer ementas. No lugar dessas placas direcionando o conteúdo do curso, deveria haver desvios, saídas laterais, desde que o mestre e seus alunos tivessem genuíno interesse por esses caminhos. Sempre criticou o sistema de créditos, usados para conferir (pagar) as disciplinas de um curso, alegando que não se poderia colocar um taxímetro para marcar a trajetória de um jovem estudante. Mario e Myriam sempre preferiram a ciência não globalizada, quando os cientistas brasileiros tinham identidade própria, como tinham os ingleses, franceses ou italianos.

Mario e Myriam rejeitaram categoricamente a cientometria implantada nas Agências de Fomento à Pesquisa (não as descrevo como Órgãos de Financiamento em homenagem a Mario). Apesar disto, Mario publicou (em revistas indexadas no ISI, como se diz agora), mais de 60 importantes trabalhos. Somente no ano passado, quando ele já tinha mais de 70 anos, publicou quatro artigos.

Seus trabalhos mais significativos, realizados sempre em colaboração com Myriam, além de estudantes e colaboradores vários, referem-se a problemas básicos de Química Quântica, diria mesmo, de Teoria Eletrônica da Valência. Alguns descrevem explicitamente interpretações sobre a ligação química: *J. Chem. Phys.*, 72, 15 (1975); *Z. Naturforsch.*, 39a, 1259 (1984); *Theoret. Chim. Acta*, 68, 337 (1985); *Faraday Trans. Chem. Soc.*, 88, 2995 (1992). Outros trabalhos definem pela primeira vez índices de ligação para sistemas multicentrados: *Struct. Chem.*, 1, 423 (1990); *J. Phys. Chem.*, 98, 6118 (1994); *J. Mol. Struct. (Theochem)*, 391, 141 (1997). Ainda outros sobre índices de ligação em sistemas de interesse biológico: *Z. Naturforsch.*, 38c, 621 (1983); *Chem. Phys. Letters*, 290, 205 (1998).

Gosto de pensar que, apesar de menos importante do que alguns posteriores, nenhum trabalho se comparava para Mario, pelo que representou de entusiasmo e novidade, a aquele em que se fez um cálculo L.C.A.O. da molécula de piridina (M. S. de Giambiagi, M.

Giambiagi et R. Ferreira, *J. Chim. Physique*, 61, 697 (1964). Todo o trabalho computacional foi realizado pelo casal Giambiagi. Penso que este foi o primeiro trabalho de Química Quântica pensado e realizado na América Latina (os que eu tinha publicado antes não tinham a marca verdadeira de Química Quântica no estado da arte).

Myriam descreveu a atmosfera em volta deste trabalho, na sua sensível evocação "O CBPF que eu conheci" (CBPF-CS-008/01). Os percalços do UNIVAC 1105, um computador do IBGE, indicado por Alfredo Marques. E ali pertinho, na Avenida Pasteur! A carência de sub-rotinas, a corrente elétrica sempre falhando, a ajuda de Alfredo Marques e Erasmo Ferreira. Logo mais, com o auxílio do físico Samuel MacDowell, Mario e Myriam publicaram um artigo sobre o computador [H, S] (*Nuovo Cim*, 35, 416 (1965). Mario e Myriam estenderam o cálculo para os casos da borazina (*Theor. Chem. Acta*, 5, 435 (1966)), do naftaleno (*Ibid.*, 6, 257 (1966), das outras azinas monocíclicas (*J. Chim. Phys.*, 64, 880 (1967)).

Mario e Myriam chegaram ao Rio, pela primeira vez, em abril de 1961, convidados por Jacques Danon. Mario e Myriam, portenhos de nascimento, doutoraram-se na Universidade de Buenos Aires: ele em 1960, sob orientação de S. Altman e Norah Cohan, ela em 64, com Felix Cernuschi. Na capital argentina, em diferentes períodos, condicionados pelas crises da democracia na Argentina, formaram, o casal, quatro Mestres. No Rio de Janeiro, orientaram 3 Mestres, 4 Doutores, e um grande número de estudantes de Iniciação Científica. Alguns desses orientandos estão hoje espalhados pelo Brasil: Kleber Mundim na UnB, José Maria Pires na UFES, Marçal de Oliveira Neto, também na UnB.

O casal Giambiagi também trabalhou com colegas do exterior e publicaram trabalhos, por exemplo, com Leonel Paoloni, em Palermo, e especialmente com Ramon Carbò, em Barcelona.

Mario e Myriam contaram depois com a colaboração esplêndida, em uma dezena de trabalhos, de dois grandes físicos argentinos, Carlos Bollini e Juan José Giambiagi (1924-1996), este último irmão de Mário. JJ, como ele era conhecido entre os físicos, foi um dos fundadores do CLAF, o Centro Latino Americano de Física, com sede em dependências do CBPF. A segunda bolsa de Mario, e a primeira de Myriam, foram concedidas pelo CLAF, cujo diretor era o brasileiro Gabriel Fialho, físico e cavalheiro na mais completa acepção do termo.

Além da sua grande produção científica, Mario publicou vários artigos sobre Ensino de Física e Química, e sobre política científica; alguns desses trabalhos, sempre com idéias originais, apareceram na revista *Ciência e Cultura* (32, 161 (1980); 35, 1442 (1983); 37, 1815 (1985). O Editor da revista na época era o Dr. José Reis, nosso grande divulgador científico. Mario delineou também algumas notas biográficas sobre cientistas, inclusive uma memorável, "Recordando Moise Haissinsky", grande radioquímico, sucessor de Irene Joliot-Curie no Institut du Radium de Paris, e orientador de Jacques Danon.

Como já assinalamos, o trabalho do casal Giambiagi dependia, em grau considerável, da situação dos Direitos Humanos no país irmão, bem como no nosso. Em começos de 1975, Mario e Myriam passaram um mês no Departamento de Física da UFPE, no Recife. Em 1976, com a subida ao poder do Governo dos Generais, Mario e Myriam foram cassados da Universidade de Buenos Aires. Recebi então uma carta do grande físico brasileiro, José Leite Lopes, ele próprio cassado em 1969 pelo governo militar brasileiro e professor titular em Strasbourg, na qual me dizia que as vidas de Mario e

Myriam corriam perigo, dado o caráter fascista do novo governo militar argentino. Que poderia eu fazer? perguntava Leite. Graças à solidariedade dos colegas daquele Departamento, conseguimos bolsas de pesquisador visitante para os dois, que voltaram ao Recife.

Mais uma vez trabalhamos juntos, sobre a grande variação que pode ocorrer na energia dos orbitais moleculares de certos sistemas quando sofrem ionização, e que eu aprendera com C. K. Jorgensen em Geneva, no ano anterior. Do trabalho resultou uma publicação conjunta: *Chem. Phys. Letters*, 52, 80 (1977).

Mas o velho CBPF tinha se transformado, um ano antes, de instituição privada em Instituto do próprio CNPq. Além disso, JJ e Carlos Bollini estavam lá e, em 1977, Mario e Myriam voltaram para o Rio. Myriam sempre declarou que eram cariocas por adoção. E seu filho mais velho, Fábio, atualmente Gerente de Macroeconomia do BNDES, era um “carioca da gema”, nascido em Copacabana. Além de Fabio, os Giambiagis têm duas filhas: Irene, nascida em 1967, e cujo nome é uma homenagem a Irene Joliot-Curie, e Eliane, nascida em 1970. Atualmente Irene é professora da Fundação de Estudos Brasileiros em Buenos Aires, e Eliane obteve recentemente o Mestrado em Ensino da Matemática pelo IMPA, no Rio de Janeiro.

O CBPF no qual chegaram em 1977 estava muito diferente com relação a aquele de 1961-1963, que serviria a vida toda, para Mario e Myriam, como um paradigma de Instituição Científica. Crescera muito, e agora contava com 70 pesquisadores e uma centena de estu-

dantes pós-graduados. Em 1981 passou a ocupar o novo prédio, contíguo aos já existentes, e que foi chamado, com grande propriedade, “Edifício Cesar Lattes”.

Houve conflitos – com a burocracia mais rígida, com a perda da intimidade antiga, com medidas de segurança. Nem todas as secretárias eram tão prestas como a Marlene, segundo Myriam, “a secretária mais eficiente que já passou pelo CBPF”. As opiniões de Mario e Myriam eram muitas vezes assim, definitivas.

Mas foi neste novo CBPF, que Mario construiu a segunda metade da sua carreira. Teve grandes colaboradores, como seu irmão JJ, Bollini, Paulo Pitanga, Henrique Lins de Barros (sobrinho de Nelson Lins de Barros que, nos idos de 1962, tinha lhes ensinado os segredos das escolas de samba), Darci Esquivel, além dos seus mestrandos e doutorandos. Foram, Mario e Myriam, animadores da 1ª Reunião Anual da SBQT, realizada no CBPF em 1981, bem como de muitas subsequentes. Seriam 25 anos de atividades muito fecundas, como atesta o que foi aqui escrito.

No último parágrafo da publicação já referida, “O CBPF que eu conheci”, Myriam escreveu: “Em março de 1977 voltamos para o CBPF. Voltávamos para a nossa casa. Tomara seja de vez”.

Para Mario, certamente que o foi.

*Ricardo Ferreira
Presidente Honorário da SBQ*